

Universidade Camilo Castelo Branco  
Campus de Fernandópolis

CLEBER FERREIRA JÓIA

RELAÇÃO ENTRE FATORES SOCIOAMBIENTAIS E VIOLÊNCIA NOS  
MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO  
RELATIONSHIP BETWEEN ENVIRONMENTAL FACTORS AND VIOLENCE IN THE  
CITIES OF SÃO PAULO STATE

Fernandópolis, SP  
2016

Cleber Ferreira Jóia

RELAÇÃO ENTRE FATORES SOCIOAMBIENTAIS E VIOLÊNCIA NOS  
MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Orientador: Professor Doutor Luiz Sérgio Vanzela

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Camilo Castelo Branco, como complementação dos créditos necessários para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Fernandópolis, SP

2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

JOIA, Cleber Ferreira

J63R Relação Entre Fatores Socioambientais e Violência nos Municípios do Estado de São Paulo / Cleber Ferreira Joia - São José dos Campos: SP / UNICASTELO, 2016.

39f. il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Sérgio Vanzela

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Camilo Castelo Branco, para complementação dos créditos para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

1. Violência. 2. Ambiente Urbano. 3. Saúde Pública.

I. Título

**CDD: 574**

**Termo de Autorização**

**Para Publicação de Dissertações e Teses no Formato Eletrônico na Página WWW do Respetivo Programa da UNICASTELO e no Banco de Teses da CAPES**

Na qualidade de titular(es) dos direitos de autor da publicação, e de acordo com a Portaria CAPES no. 13, de 15 de fevereiro de 2006, autorizo(amos) a UNICASTELO a disponibilizar através do site <http://www.unicastelo.edu.br>, na página do respectivo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, bem como no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, através do site <http://bancodeteses.capes.gov.br>, a versão digital do texto integral da Dissertação/Tese abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira.

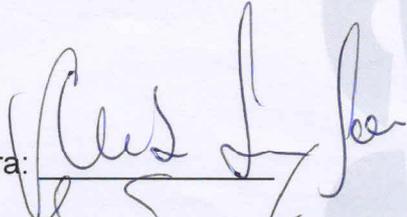
A utilização do conteúdo deste texto, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, fica condicionada à citação da fonte.

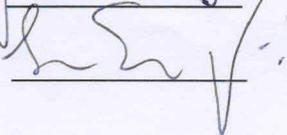
Título do Trabalho: **“RELAÇÃO ENTRE FATORES SOCIOAMBIENTAIS E VIOLÊNCIA NOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO”**

Autor(es):

Discente: Cleber Ferreira Jóia

Orientador: Luiz Sérgio Vanzela

Assinatura: 

Assinatura: 

Data: 22/janeiro/2016

**TERMO DE APROVAÇÃO**

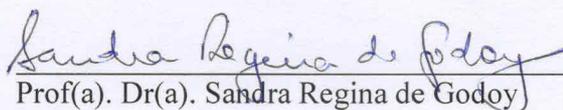
**CLEBER FERREIRA JÓIA**

**RELAÇÃO ENTRE FATORES SOCIOAMBIENTAIS E VIOLÊNCIA NOS  
MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO.**

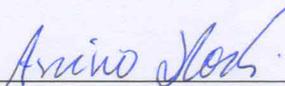
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Camilo Castelo Branco, pela seguinte banca examinadora:



Prof(a). Dr(a). Luiz Sérgio Vanzela  
(Presidente)



Prof(a). Dr(a). Sandra Regina de Godoy



Prof(a). Dr(a). Anísio Storti

Fernandópolis - SP, 22 de janeiro de 2016.

Presidente da Banca Prof(a). Dr(a). Luiz Sérgio Vanzela

“Cada vez menos as cidades são espaços de encontros e se tornam apenas espaços de passagem”.

(Lefebvre)

# RELAÇÃO ENTRE FATORES SOCIOAMBIENTAIS E VIOLÊNCIA NOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

## RESUMO

Considerando que as características socioambientais são diferentes em centros urbanos de diferentes dimensões, e que elas podem interferir nos índices de violência destes municípios este trabalho objetivou avaliar a relação entre algumas variáveis socioambientais como, (índice de desenvolvimento humano (IDH), índice de pobreza(IP), densidade demográfica no município(Dd), densidade demográfica na área urbana(Ddau), produto interno bruto per capita(PIB)). Sobre os casos de todos tipos de violência e a violência psicológica e moral, em municípios do Estado de São Paulo. Para isto, foram analisados os dados dessas variáveis de uma amostra de 47 municípios do Estado de São Paulo, subdividido em diferentes extratos populacionais. De posse dos dados, foi realizada a análise de variância com aplicação do teste de Tukey a 5% para o fator extrato populacional e análise de regressão dos casos de violência em função das variáveis socioambientais. E também o índice de desenvolvimento humano, índice de pobreza e densidade demográfica interferiram significativamente em todos os casos de violência, sendo que, de maneira geral, o aumento dessas variáveis se correlaciona com o incremento de todos os tipos de violência. Já para os casos de violência psicológica e moral, somente foram observadas interferências significativas dessas variáveis para os extratos populacionais de até 20.000 habitantes, para a variável PIB (produto interno bruto per capita) e para o de 100.001 a 500.000 habitantes (para as variáveis: densidade demográfica e densidade demográfica na área urbana). Nos dois extratos populacionais, os casos de violência psicológica e moral tenderam a aumentar com o incremento das variáveis socioambientais.

**Palavras-chave:** Violência. Ambiente urbano. Saúde Pública.

# RELATIONSHIP BETWEEN ENVIRONMENTAL FACTORS AND VIOLENCE IN THE CITIES OF SÃO PAULO STATE

## ABSTRACT

Whereas the environmental characteristics are different in urban centers of different sizes, and they can interfere in violence of these cities, this study aimed to evaluate the relationship between some environmental variables (human development index, poverty index, population density in the city, population density in the urban area, gross domestic product per capita) on cases of all forms of violence and the psychological and moral violence, in Sao Paulo state municipalities. For this, we obtained the data of these variables in a sample of 48 municipalities in the state of São Paulo, subdivided into different population strata. Possession of data, analysis of variance was performed with application of Tukey test at 5% for the population extract factor and regression analysis of cases of violence due to the social and environmental variables. Social and environmental variables Human Development Index, poverty rate and population density significantly interfered in all cases of violence, and, in general, the increase of these variables correlated with the increase of all kinds of violence. As for the cases of psychological and moral violence, only were no significant interference of these variables for population extracts of up to 20,000 inhabitants (for the variable GDP per capita) and the 100,001 to 500,000 inhabitants (for the variables population density and population density in urban areas). In both population strata, cases of psychological and moral violence tended to increase with increasing social and environmental variables.

**Keywords:** Violence. Urban environment. Public health.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Médias de índice de desenvolvimento humano – IDH (a) e do índice de pobreza – IP (b), nos diferentes extratos populacionais estudados. ....	26
Figura 2: Médias de produto interno bruto per capita - PIB, nos diferentes extratos populacionais estudados. ....	27
Figura 3: Médias de densidade demográfica - Dd (a) e da densidade demográfica na área urbana – Ddau (b), nos diferentes extratos populacionais estudados.....	28
Figura 4: Médias de todos os tipos de violência – VT (a) e dos casos de violência psicológica e moral – VPM (b), nos diferentes extratos populacionais estudados. ....	28
Figura 5: Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função da densidade demográfica - Dd no extrato populacional 2.....	29
Figura 6: Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função do índice de desenvolvimento humano - IDH no geral dos municípios. ....	30
Figura 7: Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função do índice de pobreza - IP no geral dos municípios.....	31
Figura 8: Resposta dos casos de todos os tipos de violência – VT em função densidade demográfica - Dd no geral dos municípios.....	31
Figura 9: Resposta dos casos de violência psicológica e moral - VPM em função do produto interno bruto per capita - PIB no extrato populacional 1. ....	33
Figura 10: Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função da densidade demográfica - Dd no extrato populacional 4.....	34
Figura 11: Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função da densidade demográfica na área urbana - Ddau no extrato populacional 4. ....	34

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Base de dados utilizada no trabalho.....	24
Tabela 2: Detalhe dos municípios amostrados para o estudo.....	25
Tabela 3: Resultado da análise de regressão entre todos os tipos de violência e as variáveis socioambientais, nos diferentes extratos populacionais estudados. ....	29
Tabela 4: Correlação cruzada entre os casos de violência psicológica e moral e as variáveis socioambientais.....	32

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
1.1. Objetivos Gerais .....	13
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....	14
2.1. A Violência nos Pequenos e Grandes Centros Urbanos .....	14
2.1.1. O Conceito de Violência .....	14
2.1.2. As Diferentes Formas de Violência .....	16
2.1.3 Os Efeitos da Violência na Saúde .....	18
2.1.4 A Urbanização e a Violência .....	21
3. MATERIAL E MÉTODOS .....	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	26
6. CONCLUSÕES .....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37

## 1. INTRODUÇÃO

A violência no Brasil está se manifestando de maneira alarmante e transformando a vida da população de forma acelerada. O medo e a insegurança tomam cada vez mais espaço nos grandes e pequenos centros urbanos e o aumento da criminalidade se deve a um conjunto de fatores, que resultam da aceleração do processo de urbanização desordenada, pela concentração desta população nas áreas metropolitanas e o da migração do crime de áreas tradicionalmente violentas para as periferias das cidades, criando assim um novo cenário nas novas territorialidades.

Os fatores socioambientais que se relacionam com os casos de violência podem ser distintos nos centros urbanos pequenos, médios ou grandes. Para Pinheiro [1] a violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos, destroem vidas, estraçalha famílias, modificando nossa existência para pior. Neste sentido, este trabalho é relevante porque evidencia que a violência e suas consequências se tornaram um grave problema de saúde pública, e deve ser assistida pelo Ministério Público, promovendo políticas mais eficazes ao atendimento do problema, como também de suas vítimas.

O aumento da violência urbana pode ser observado pelo incremento do número de óbitos por faixas etárias ou de número de anos potenciais de vidas perdidas que tem ocorrido nas últimas décadas. Este cenário tem forte relação com o ambiente, seja pelas condições econômicas ou pela desigualdade, pelo estilo de vida estressante da classe trabalhadora ou pela falta de condições no desenvolvimento arquitetônico das cidades.

Para Torres [4] nem toda violência é relatada ou registrada, denunciada. Assim, muitos dados coletados e/ou estudados sofrem alterações ou distorções devido a este fator. Especificamente, a violência urbana envolve as condições de existência de determinada população e isto não deve ser analisado separadamente, mas sim contextualmente e dentro de um espaço pré-definido.

Neste contexto, o problema é relacionar quais os fatores que circundam este índice tão alto da violência nos grandes e pequenos centros urbanos. Estudar sobre a questão da violência no país e no mundo é algo desafiador e de grande complexidade, pois envolve conheceras diferentes variantes sociais, culturais,

econômicas e psicológicas, além da urbanização desenfreada, que reproduz e exige uma nova reestruturação espacial da própria sociedade, inclusive de suas políticas públicas.

### **1.1. Objetivos Gerais**

Considerando, neste contexto, que as características socioambientais podem ser diferentes em centros urbanos de diferentes dimensões, este trabalho objetivou avaliar a relação entre algumas características socioambientais sobre os casos de todos os tipos de violência, destacando a violência psicológica e moral, em municípios do Estado de São Paulo.

### **1.2. Objetivos Específicos**

- Levantar as variáveis independentes índice de desenvolvimento humano, índice de pobreza, densidade demográfica no município, densidade demográfica na área urbana, produto interno bruto per capita de municípios com diferentes extratos populacionais do Estado de São Paulo;
- Levantar as variáveis dependentes de todos os tipos de violência e de violência psicológica e moral de municípios com diferentes extratos populacionais do Estado de São Paulo;
- Realizar a correlação entre variáveis dependentes e independentes.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **2.1.A Violência nos Pequenos e Grandes Centros Urbanos**

A violência é parte comumente da construção de qualquer sociedade, desde os primórdios dos tempos. Ela está inserida em qualquer grupo social a que se está sujeito.

#### **2.1.1. O Conceito de Violência**

A violência faz parte de toda sociedade, em maior ou menor grau e possui diferentes dimensões e causalidades. De acordo com Cunha [2], violência vem do verbo *violare* ou *violentia*, ambos designam a ideia de força, poder e transgressão e discorrer sobre ela é falar sobre poder.

Conforme Faleiros [3], o poder é expressão real de força que reprime os indivíduos, seus instintos e a sua própria natureza, ou seja, o impacto da violência é tamanho devido a sua característica principal de reproduzir a desigualdade e provocar enfrentamentos.

Para o referido autor, o ato de violência é implicado em relações desiguais de condições sociais e de poder que negam a vida, a autoridade legítima e a diferença, destrói a tolerância, viola direitos e ainda implica em prejuízos morais e materiais, perpetuando assim um cenário ou estrutura de desigualdades, por isso ela deixa muitas marcas nas pessoas.

Torres [4] relata que a violência ocorre numa situação de interação, com um ou vários atores, que agem direta ou indiretamente, causando danos em graus variáveis na integridade física ou moral, ou até em participações simbólicas e culturais.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde [5] a violência é fator construído historicamente, há que se considerar como variante o discurso humano e as atitudes de cada indivíduo na sua participação dentro dos diferentes grupos sociais também, há diferentes tipos de violência e estes deveriam ser considerados problemas mundiais de saúde pública, que devem ser avaliados e conseqüentemente, faz-se necessário a criação de programas para preveni-la e

diminuir seus efeitos.

Conforme tal referido documento, todo ano mais de um milhão de pessoas perdem suas vidas e outras sofrem lesões não fatais resultantes da violência auto-inflingida, interpessoal ou coletiva e ela está entre as principais causas de morte entre pessoas de 14 a 44 anos de idade.

Assim, a OMS [5] define violência como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa ou grupos que resulte em qualquer tipo de dano, deficiência ou privação.

Conforme Freitas et. al. [6], o maior problema da violência atualmente é estudar sua etiologia e multicausalidade, tendo como pressuposto que a mesma apresenta fatores relacionados a problemas macroestruturais, institucionais, relacionais, políticos e de classes, o que acaba acarretando a insegurança e o individualismo, a exclusão social e ainda dificulta sentimentos de solidariedade.

Entre os diferentes tipos de violência, destacam-se a violência psicológica e moral configurando-se como focos principais deste comportamento individual ou coletivo.

Faleiros [3] caracteriza a violência psicológica moral como “uma relação de poder com uso da força da autoridade ou da ascendência sobre o outro”, ou seja, ela se manifesta no descaso, na inversão de papéis de proteção ou ruptura de confiança, na humilhação, na chantagem, na desvalorização, no insulto, na estigmatização, na desqualificação, na negação de direitos, o que se configura em assédio moral.

Para Freitas et. al. [6], existem vários indicadores que evidenciam casos de violência contra a pessoa, tais como: a passividade, o retraimento, a desesperança, a depressão, a ansiedade, a agitação, o medo de falar livremente, a imposição do isolamento físico ou social, entre outros.

Ainda conforme Freitas et. al. [6] em qualquer sociedade, comunidade ou grupo em que casos de violência se manifestem faz-se necessário a intervenção do Estado com políticas públicas que enfrentem estes conflitos, estabelecendo o princípio da universalidade como ponto específico de atuação, promovendo campanhas e projetos para diminuição e/ou redução do problema.

Outro aspecto a ser analisado neste trabalho será a comparação de dados da violência psicológica e moral em grandes e pequenos centros urbanos, do estado de São Paulo, procurando estabelecer semelhanças e diferenças entre estes, como

fonte futura para a implantação de programas sociais contra qualquer tipo de violência, não apenas a violência psicológica e moral.

### **2.1.2.As Diferentes Formas de Violência**

De acordo com Agende [8] a violência é um problema de violação de direito das pessoas e que as relações entre homens e mulheres são permeadas por relações de poder, passíveis de atos violentos.

De acordo com Minayo [7]: “é um fenômeno humano, social e histórico, individual ou institucional e coletivo praticado com intenção de prejudicar o outro: física, social e psicologicamente”.

Assim, é determinante conceituar os tipos de violência existentes e delimitar seus espaços com a finalidade de entender este processo e, ainda ser possível compará-las com o espaço urbano, o principal foco de estudo.

Segundo Agende [8], a violência doméstica ou familiar ocorre dentro do próprio ambiente doméstico ou fora dele, considerando-se os vínculos de consanguinidade e afinidade, envolvendo membros da mesma família nuclear ou extensa. Este tipo de violência é um dos mais perversos porque envolve membros que compartilham o mesmo ambiente, visto que o agressor e agredido compartilham o mesmo espaço.

Conforme Freitas et. al. [6] o que é importante ressaltar que este ciclo de violência se perpetua não apenas dependência emocional, financeira ou passional da mulher perante o homem, como também pela ausência de denúncias, que não se configuram, ou seja, não são encaminhadas aos órgãos competentes.

Para Agende [8] a violência doméstica ou familiar obedece a um ciclo de três fases: o de tensão, no qual os desentendimentos são constantes, causando um ambiente de insegurança, a de explosão, no qual o ato violento acontece, e por último, a fase da lua de mel, no qual o agressor pede desculpas e promete que não vai mais acontecer; tanto agressor quanto a vítima continuam com a mesma postura, até que tudo começa novamente.

De acordo com dados da OMS 2.002 (Organização Mundial de Saúde) [5], mais de 70% das mulheres no mundo são assassinadas por seus maridos, o Brasil ocupa o 12º lugar do ranking neste quesito e, no que se refere a todo tipo de

violência, ocupa o 7º lugar com uma média de 4,4 vítimas para cada 100 mil mulheres, na questão da homofobia, ocupa o 1º lugar.

Saffioti [9] relata que a violência física pode ser entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal, é mais fácil de constatar e interpretar, pois deixa marcas pelo corpo e tem certa proximidade com a questão da integridade da vítima.

Ainda para Saffioti [9], estima-se que 20 milhões de mulheres sofrem violência física em algum momento de suas vidas, sendo que quase 7 milhões são espancadas, 2 milhões por ano, 175 mil por mês, 240 por hora, 4 por minuto e 1 mulher a cada segundo, dados estes sempre praticados por algum agressor do sexo masculino, próximo à vítima.

Segundo Oliveira [10] a violência psicológica deve ser entendida como:

Qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição costuma, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (p. 32).

Para o referido autor, estima-se que quase 17 milhões de mulheres brasileiras sofreram violência psicológica em alguma época de sua vida, por ser um tanto quanto abstrata, este tipo pode ser configurado como excesso de cuidados pelo cônjuge ou companheiro.

O mesmo autor argumenta que a violência sexual se configura como:

Qualquer conduta que constranja a mulher (ou outro) a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força, que induza a comercializar ou a utilizar de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto, ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação, ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (p. 45).

Este tipo de violência é reconhecido socialmente quando praticado por

estranhos, mas ocorre em sua maioria, dentro do ambiente doméstico, e é usualmente praticada por parceiros das vítimas, visto que o mesmo considera a vítima como sua propriedade. Oliveira [10] relata que este tipo de violência é praticado por 85% dos maridos ou companheiros das vítimas.

A violência moral é descrita como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, ou seja, de insinuações ou xingamentos que ofendam a conduta moral da pessoa agredida, e que os dados revelam que isto ocorre com o parceiro da vítima em 75% dos casos já relatados e denunciados (OLIVEIRA, [10]).

Para Agende [8] a violência patrimonial é definida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de bens destinados ao parceiro ou cônjuge.

Conforme Oliveira [10], a violência simbólica tem sua origem nos símbolos e signos culturais, mais exatamente no domínio exercido por certas pessoas ou grupos de pessoas, é de maneira sutil e nem sempre percebida como violência, pois induz o outro a submissão. Para o autor, este tipo de violência só ocorre por dominação e que exige um trabalho educativo que venha desconstruir as afirmativas de que um grupo é melhor que outro ou pessoa.

### **2.1.3 Os Efeitos da Violência na Saúde**

Para Soares [11] as cidades se materializam e são compostas por paisagens produzidas pelo homem, assim, o urbano é uma representação social, formada pelos conteúdos e práticas de cada sujeito, de cada instituição, de agente da sociedade. Em processo de expansão urbana, há maior desenvolvimento de meios de transporte e de comunicação e da maior incorporação da ciência, da tecnologia e da informação, conseqüentemente, de qualquer tipo de violência.

É exatamente aqui que se diferenciam os grandes e pequenos centros, no grau de violência, seja ela física ou psicológica.

De acordo com Soares [11] os núcleos urbanos considerados metrópoles apontam um dinamismo econômico e social decorrentes de seus papéis nas redes globais de circulação mercantil e financeira. É o centro dominante dos negócios e de controle do capital, gerida por outras formas de riqueza e seus habitantes se orientam por uma cultura cosmopolita.

Entretanto para Soares [11], os núcleos periféricos são dominados por uma massa marginal, que vive desconectada produtivamente dos espaços onde a riqueza se acumula e se reproduz. Cria-se ali uma nova economia de sobrevivência, o poder fundamenta-se na privatização da violência, organizada em estruturas feudalizadas, isto é, centralizadas nas mãos de poucos. Assim, a população que ali habita é obrigada a sucumbir às práticas e valores do capitalismo predador, gerado pelos diferentes circuitos da criminalidade, ou escolhem depender de outras associações filantrópicas para poder sobreviver, outra forma de submissão, o que vem a desfavorecer qualquer ação coletiva ou luta por condições melhores de vida, valores essenciais à construção da democracia.

A globalização impõe a lógica do mercado e, ao mesmo tempo, cria uma população marginal. Nas periferias, os efeitos desta marginalização e vulnerabilidade é bem maior, compondo um quadro de segregação e, automaticamente, de quebra dos laços de integração social. O que não justifica e tampouco explica a violência, seja ela de qualquer tipo.

De acordo com Soares [11], alguns efeitos sociais da violência são: o recrutamento da força de trabalho infantil e adolescente, imposição de valores baseados na força bélica, nas regras, destruição das estruturas familiares com a inversão de papéis e laços, estimulação de reações que tendem a marginalizar a pobreza, a promoção de imagens negativas e estigmatizadas da periferia, incentivando a discriminação e suas diferentes associações e políticas sociais, além de criar um estigma em que os próprios estigmatizados incorporam, o que os levam a terem comportamentos orientados pela busca em se dissociar desses lugares.

Soares [11] explica que este controle dos grupos da periferia se compõe baseado em alguns elementos: o estigma, a coação, o confinamento territorial e segregação institucional; o que justifica a massificação dos grandes centros em suas periferias, não deixando oportunidade para o exercício da participação e, conseqüentemente da tão sonhada democracia, que hoje é excludente, segregada e brutal.

Além destes efeitos sociais, culturais há os efeitos psicossociais, que se estabelecem por meio das relações sociais e suas repercussões se reproduzem em diferentes graus de intensidade, ocorrem do individual para o coletivo, podendo gerar danos nas esferas econômica, social e da saúde, afetando a sociedade como um todo, para as famílias, os diferentes grupos sociais entre outros.

Segundo Dejours [12], “não há crise psicopatológica que não esteja centrada numa crise de identidade, uma vez que está constitui a armadura da saúde mental”(p.34), tendo visto que a identidade é constituída permanentemente ao longo da vida do sujeito e está vinculada à alteridade, pois é através do olhar do outro que nos constituímos como sujeitos, desejamos o reconhecimento do outro, e quando este não ocorre de maneira satisfatória, desestabiliza-se o referencial em que se apoia a identidade, gerando a crise e suas consequências: o adoecimento psíquico.

Conforme Dejours [12] a violência psicológica, sob o enfoque saúde-doença, leva ao adoecimento psíquico porque se instala uma crise de identidade no sujeito, esta vinculada a um processo de dinâmica do reconhecimento no nível pessoal e até profissional.

De acordo com Dejours [12], “não é a intensidade ou a inadequação dos constrangimentos exercidos sobre o sujeito pela realidade que levam à descompensação psíquica” (p.76), mas sim a dissociação entre a realidade, o reconhecimento e o sofrimento que rompem com a dinâmica da construção da identidade, empurrando o sujeito para as descompensações psicopatológicas, devido à alienação social. Isto é, quando o sujeito percebe a não aprovação do outro (ele sempre espera o reconhecimento) ele coloca em risco o equilíbrio de sua identidade, projeta-se nos sentimentos e referências do outro, e acaba perdendo a confiança em si e em suas capacidades.

Este aspecto é relevante para este estudo, tendo em vista que qualquer sujeito, na construção de sua identidade, necessita da aprovação, do olhar do outro para que construa valores significativos sobre si mesmo. Sem esta aprovação ou reconhecimento, instala-se uma crise de identidade e, como consequência, os problemas psíquicos derivados do medo, da insegurança, do constrangimento, da humilhação, que são precursores dos atos agressivos e violentos.

Conforme Minayo [7], “o sentimento de vergonha vem acompanhado de sentimentos de inferioridade e de exposição”, ou seja, ao sentir-se desprezado, humilhado, o sujeito tende a se sentir negativo, vulnerável e tende a sofrer com isto, gerando nele atitudes violentas de repúdio social, tornando-se assim, um sujeito doente, que necessita de ajuda, de amparo na esfera psíquica.

### **2.1.4 A Urbanização e a Violência**

O processo de urbanização no mundo teve sua aceleração na década de 60, quando ocorreu um grande processo de industrialização e mecanização da agricultura. Assim, os aglomerados urbanos devem ser analisados como ecossistemas complexos, que contem matéria, energia e informações diversas dentro de um contexto urbano e geográfico.

Sposito [13] define a cidade como uma expressão concreta de processos sociais na forma de um ambiente físico construído sobre o espaço geográfico, ou seja, ela se constitui um importante local de acumulação de capital e acaba refletindo as características de uma sociedade. Assim, estes processos sociais que são constituídos de forças atuantes ao longo do tempo, permitem as localizações, realocações e permanências diferentes dentro do mesmo espaço urbano, se tornando um elemento catalizador de diferenças sociais.

As cidades existiam desde a Idade Média, divididas em grandes e pequenos centros de produção, cada qual apresentando características específicas de um período histórico. O que na Idade Moderna e Contemporânea muda de caráter, estas deixam de serem feudos para se tornarem sedes de fábricas e desenvolvimento de atividades industriais. Desse modo, o crescimento exagerado da população nas grandes metrópoles é visto como um fator agregador do aumento dos casos de violência.

Pedrazzini [14] relata que as civilizações antigas eram percebidas como sinônimos de cidades, atualmente são vistas como um meio fragmentado e descivilizado da organização social, em que a opressão é uma nova técnica de invasão que brota do seu meio. Para o referido autor, as cidades cresceram e fizeram surgir bairros periféricos, onde as condições precárias de vida dos moradores e a degradação do meio ambiente mostram uma das faces da violência urbana.

Souza [15] argumenta que com a urbanização houve um aumento significativo nos índices de violência e da criminalidade nas cidades. Este fator se deve ao crescimento desigual tanto social quanto econômico dos bens de produção e relações com o trabalho, mas também está associado aos índices de pobreza, uso de drogas e participação quase nula do Estado nas áreas de periferização.

Neste sentido, as divisões urbanas não são neutras, pois devido à informalidade espacial, econômica e social se criou novas formas de reprodução social ligadas à família, trabalho e educação. A não compreensão ou aceitação destes fatos revelam o caráter mutante da nossa sociedade. É aqui que a violência situa-se como meio de sobrevivência de algumas pessoas.

Para Chagas [16] a relação entre os processos sociais, espaciais, econômicos, institucionais, políticos e culturais devem ser entendidos como constantes na vida urbana da sociedade, configurando-se como fatores primordiais ao se entender e configurar este espaço e também para definir melhor a questão da territorialidade da violência, tendo em vista que é o próprio homem quem modifica constantemente este espaço.

Segundo Pedrazzini [14], as cidades eram vistas como a promessa de um futuro melhor, mas atualmente, é tida como um espaço de sobrevivência em condições relativamente aceitáveis. Há uma dicotomia existente nas cidades, tanto nas pequenas quanto nos grandes centros urbanos: de um lado a possibilidade da cultura, da ampliação do mercado, das oportunidades, do outro, a violência, a insegurança e a criminalidade. Para o referido autor, a cidade contemporânea é perigosa quando a globalização a divide em fragmentos antagônicos, transformando-a em um conflito de forças e interesses.

Este cenário urbano apresenta muitos conflitos e distorções no campo social. Entretanto, pode-se afirmar que a violência urbana provém de aspectos contemporâneos da urbanização que envolve modos ditados pela globalização e pela política neoliberal, para promoverem estratégias de dominação no mercado global. Neste contexto, aparecem os atores sociais que lutam contra esta política e procuram se adequar à sociedade de consumo, criando novos conflitos, como as práticas de atividades criminosas.

Conforme Pedrazzini [14] o urbanismo contemporâneo é geralmente uma atividade policial, ou seja, o urbanismo referencia o espaço urbano pela segurança, pelo controle do mesmo, assim sendo, o urbanismo atual cria uma nova paisagem urbana, construindo as grandes e protegidas edificações, a busca do lucro em função da insegurança nas cidades e, por fim, acaba segregando ainda mais o espaço urbano.

Pensar a violência urbana requer pensar não em aspectos de segurança, mas sim em políticas públicas que amenizem o cotidiano de quem vive nas cidades,

priorizando as populações de risco e suas comunidades, vinculados ou não ao Estado ou à organizações não governamentais, estabelecendo projetos, parcerias com estas e, conseqüentemente, melhorando a vida das pessoas.

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido na Universidade Camilo Castelo Branco, Fernandópolis-SP, entre o período de agosto de 2014 a agosto de 2015. Para avaliar a influência de fatores socioambientais sobre a violência e a violência psicológica e moral, foram realizadas análises de correlação e regressão entre variáveis dependentes (todos os casos de violência - VT e casos de violência psicológica e moral - VPM) e independentes (índice de desenvolvimento humano – IDH, produto interno bruto per capita – PIB, índice de pobreza – IP, densidade demográfica – Dd e densidade demográfica na área urbana – Ddau). A base de dados utilizada para realização do trabalho está apresentada na Tabela 1.

**Tabela 1:** Base de dados utilizada no trabalho.

Variáveis	Descrição	Unidade	Fonte
VT	Todos os casos de violência	casos $(10^5\text{hab})^{-1}$	SINAN (2015)
VPM	Casos de violência psicológica e moral	casos $(10^5\text{hab})^{-1}$	SINAN (2015)
IDH	Índice de desenvolvimento humano	adimensional	IBGE (2015)
PIB	Produto interno bruto per capita	R\$ $\text{hab}^{-1} \text{mês}^{-1}$	IBGE (2015)
IP	Índice de pobreza	adimensional	IBGE (2015)
Dd	Densidade demográfica	hab $\text{km}^{-2}$	IBGE (2015)
Ddau	Densidade demográfica na área urbana	hab $\text{km}^{-2}$	IBGE (2015) e IBGE (2010)

As variáveis VT e VPM foram obtidas do banco de dados do SINAN (2015) para o ano de 2010. Os dados foram obtidos de forma absoluta, ou seja, (total de casos registrados) e, posteriormente, convertido em valores relativos (total de casos por 100.000 habitantes) para as análises estatísticas.

Os valores de IDH, PIB, IP e Dd foram obtidos diretamente para cada município avaliado, do banco de dados do IBGE (2015), mas também para o ano de 2010, visando compatibilizar o período avaliado entre as variáveis estudadas. Os valores de Ddau foram determinados pelo quociente entre a população urbana e a área urbana. Todos os dados do IBGE da população urbana absoluta foram obtidos diretamente do banco de dados do IBGE (2015) enquanto as áreas urbanas dos municípios foram determinadas a partir do mapa dos setores censitários do IBGE (2010), utilizando técnicas de geoprocessamento.

Para este estudo, utilizou-se uma amostra de 7,4% do total de municípios do

estado de São Paulo, resultando em um total de 47 municípios estudados. Foram selecionados, aleatoriamente (com exceção da capital), municípios dentro dos seguintes extratos populacionais: (1) 0 a 20.000 habitantes, (2) 20.001 a 50.000 habitantes, (3) 50.001 a 100.000 habitantes, (4) 100.001 a 500.000 habitantes e (5) acima de 500.001 habitantes. O resultado final do processo de randomização, chegaram-se aos municípios apresentados na Tabela 2.

**Tabela 2:** Detalhe dos municípios amostrados para o estudo.

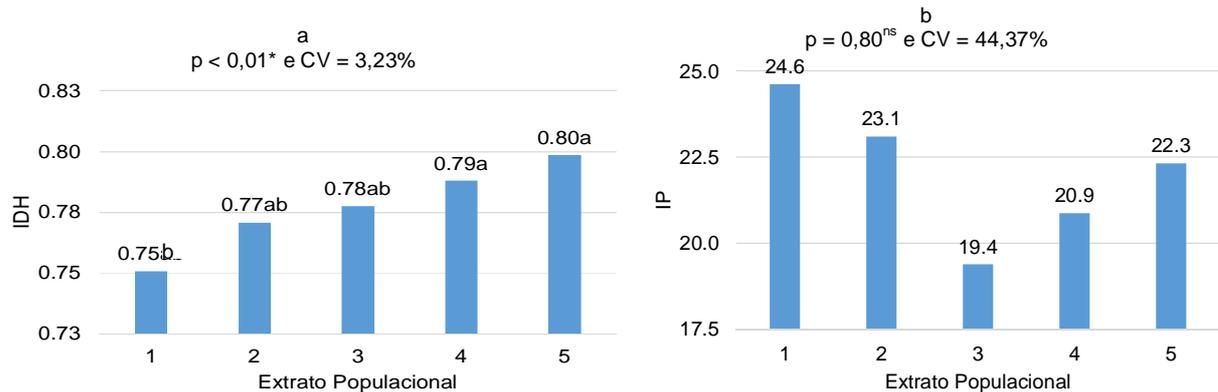
Extrato (habitantes)	Amostra	Municípios
0 a 20.000	10	Valentim gentil, Urupês, Santo Antônio do Aracanguá, Pompéia, Palestina, Holambra, Estrela d'Oeste, Cardoso, Buritama e Avanhadava
20.001 a 50.000	10	Valparaíso, Tremembé, Tanabi, Presidente Venceslau, Pereira Barreto, Jales, Garça, Descalvado, Agudos e Adamantina
50.001 a 100.000	10	Votuporanga, Ubatuba, Tupã, São Roque, Paulínia, Mirassol, Itanhaém, Fernandópolis, Assis e Olímpia
100.001 a 500.000	10	Votorantim, Valinhos, Sertãozinho, São José do Rio Preto, Santos, Mogi das Cruzes, Guarujá, Franca, Diadema e Araraquara
Acima de 500.000*	7	Sorocaba, São José dos Campos, São Bernardo do Campo, Santo André, Osasco, Guarulhos e Campinas

Após obtidos e tabulados os dados, realizaram-se as análises estatísticas, que consistiu em análise de variância com aplicação do teste de Tukey a 5% para o fator extrato populacional, com o objetivo de identificar se este fator interfere em todas as variáveis.

Posteriormente, prosseguiu-se com a análise de regressão entre as variáveis dependentes e independentes. Foram testados os modelos lineares, quadráticos e logarítmicos. A avaliação dos melhores modelos entre as variáveis dependentes e independentes foi realizada considerando o maior nível de significância (valores de p) e do melhor ajuste da regressão (coeficiente de determinação  $r^2$ ). As análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do software SPSS.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O extrato populacional que apresentou maior média de IDH foi o extrato 5 (0,80), sendo 7% superior ao extrato 1 (0,75), porém não apresentou diferenças dos extratos 2 (0,77), 3 (0,78) e do 4 (0,79) (Figura 1a).



OBS: <sup>ns</sup>Não significativo; \*significativo a 5% de probabilidade; CV (coeficiente de variação)

**Figura 1:** Médias de índice de desenvolvimento humano – IDH (a) e do índice de pobreza – IP (b), nos diferentes extratos populacionais estudados.

De acordo com os resultados, pode-se observar que o IDH teve, em média, uma variação proporcional aos extratos populacionais, ou seja, quanto maior a população maior foi o IDH. Isto se justifica em medida que o planejamento urbano ocorre, conforme explica Corrêa [17], que o centro da cidade, é tido como local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e encontro social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão, isto é, o bom planejamento urbano garante uma regular distribuição de rendas e produtos, o que garante um IDH bastante próximo de um extrato para os outros.

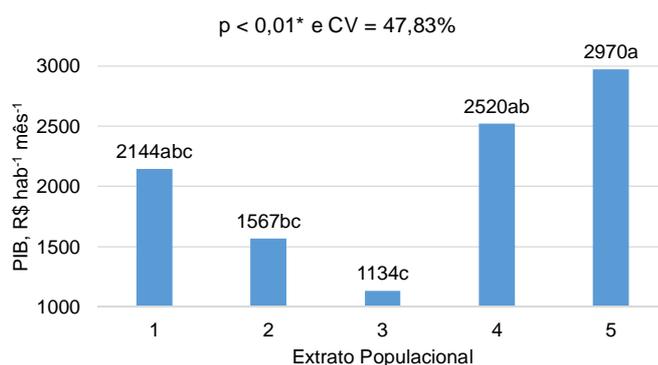
Estes índices de 0,80 estão altos se comparados com dados do IBGE [18], que considerou a cidade de São Caetano do Sul com IDH de 0,86, Santos com 0,84, Taubaté com índice de 0,80, que possui menor densidade demográfica.

Com relação ao IP, a maior média foi obtida no extrato 1 (24,6), entretanto, não se diferenciando significativamente dos demais extratos populacionais, com exceção do extrato populacional 3, com população de 100 mil habitantes, que se configura com menor incidência (Figura 1b).

De acordo com Beato [19] “indicadores de concentração de renda e pobreza indubitavelmente influem no processo de precarização das condições de vida e trabalho, e por consequência alteram os padrões de relações sociais”, mas estes não podem ser apontados como causas exclusivas da violência, pois é associada principalmente a fatores culturais e sociais, além de econômicos e de gestão.

O PIB per capita foi maior no extrato populacional 5 com renda de R\$ 2.970,00 hab<sup>-1</sup> mês<sup>-1</sup>, sendo significativamente superior aos extratos 2 e 3, mas não diferindo dos extratos 1 e 4 (Figura 2).

O alto índice do extrato populacional 5 se deve a uma região bastante industrializada, com cidades como Diadema, com maior PIB de acordo com índices do IBGE [18] e com população com mais de 300 mil habitantes, o que não ocorre nos extratos 2 e 3, como cidades como Votuporanga com população de até 70 mil habitantes, tem uma economia mista: agropecuária e industrial moveleira.



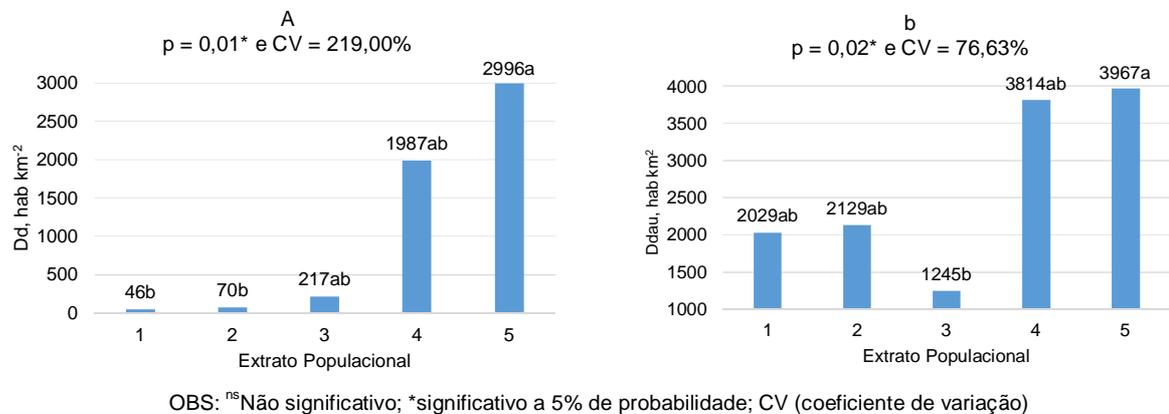
OBS: <sup>ns</sup>Não significativo; \*significativo a 5% de probabilidade; CV (coeficiente de variação)

**Figura 2:** Médias de produto interno bruto per capita - PIB, nos diferentes extratos populacionais estudados.

De acordo com dados do IBGE [18], a renda mensal do extrato populacional 5 é superior a média mensal do estado de São Paulo, principalmente do ABC paulista que possui uma média de R\$ 1.791,98, índice bem maior ainda que a baixada santista, com média de R\$ 1.240,87, ou seja, próximos de dois salários mínimos, dados estes que ficam categorizados nos extratos 2 e 3. Em estudos realizados por Beato [19], os índices menores de média de renda mensal não se configuram como fatores que aumentam a criminalidade ou violência urbana.

A Dd foi significativamente superior no extrato populacional 5 (3967 hab km<sup>2</sup>) em relação aos extratos populacionais 1 e 2 (Figura 3a) e não diferindo dos

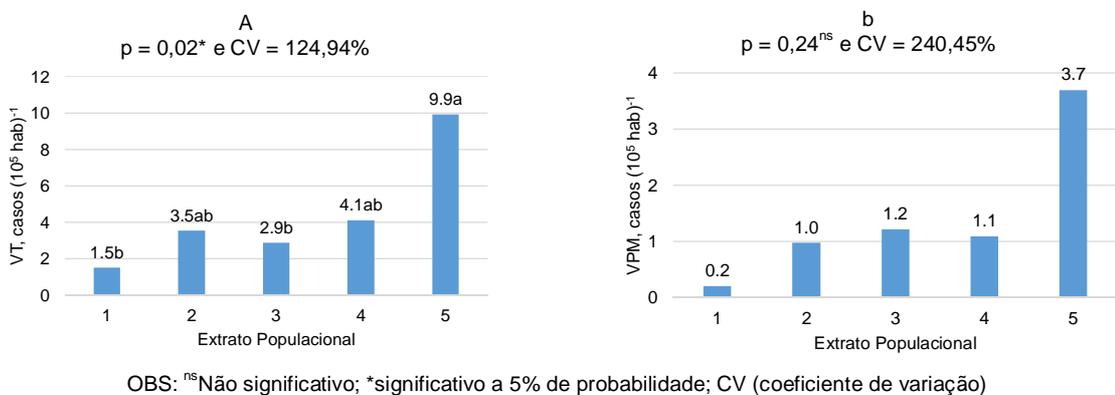
demaís 3 e 4. Para a variável Ddau, a maior média também foi obtida para o extrato 1, porém, sendo somente superior significativamente ao extrato 3 (Figura 3b).



**Figura 3:** Médias de densidade demográfica - Dd (a) e da densidade demográfica na área urbana - Ddau (b), nos diferentes extratos populacionais estudados.

De uma forma geral, para esta variável, pode-se observar uma relação proporcional entre Dd e a população total dos municípios, ou seja, os valores médios aumentam com o extrato populacional. O mesmo fato não pode ser observado para a variável Ddau, já que leva em consideração somente a área urbana, demonstrando que os municípios do extrato populacional 3 possuem, em média, maiores áreas urbanas.

Os resultados dos casos totais de violência (Figura 4a) demonstram uma tendência de aumento dos casos com o extrato populacional, já que no extrato 5 foi obtida a maior média (9,9 casos (10<sup>5</sup>hab)<sup>-1</sup>), sendo significativamente superior aos extratos 1 e 3.



**Figura 4:** Médias de todos os tipos de violência – VT (a) e dos casos de violência psicológica e moral – VPM (b), nos diferentes extratos populacionais estudados.

Como pode ser observado (Tabela 3) os casos de todos os tipos de violência apresentaram resposta significativa em função da Dd no extrato 2 e das variáveis IDH, IP e Dd, no geral de todos os municípios.

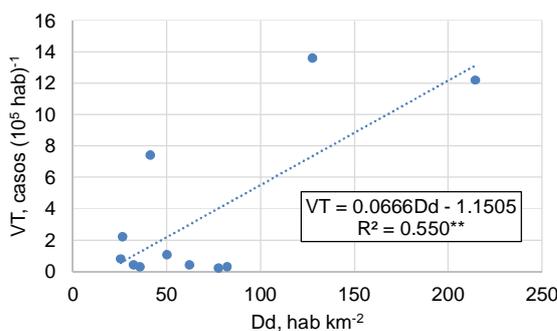
**Tabela 3:** Resultado da análise de regressão entre todos os tipos de violência e as variáveis socioambientais, nos diferentes extratos populacionais estudados.

Extrato	Modelo	Valores de $r^2$				
		IDH	PIB	IP	Dd	Ddau
1	Linear	0,015	0,110	0,014	0,051	0,072
	Logarítmico	0,017	0,059	0,000	0,006	0,067
	Quadrático	0,317	0,319	0,128	0,094	0,073
2	Linear	0,091	0,075	0,204	0,550**	0,012
	Logarítmico	0,092	0,090	0,250	0,439*	0,003
	Quadrático	0,096	0,085	0,475	0,552*	0,072
3	Linear	0,003	0,323	0,033	0,164	0,240
	Logarítmico	0,003	0,273	0,032	0,105	0,238
	Quadrático	0,004	0,325	0,033	0,243	0,242
4	Linear	0,150	0,194	0,106	0,061	0,152
	Logarítmico	0,145	0,099	0,280	0,244	0,263
	Quadrático	0,308	0,543	0,448	0,358	0,404
5	Linear	0,000	0,095	0,133	0,199	0,262
	Logarítmico	0,000	0,081	0,167	0,303	0,412
	Quadrático	0,059	0,136	0,255	0,279	0,453
Geral	Linear	0,117*	0,033	0,066	0,016	0,006
	Logarítmico	0,117*	0,003	0,109*	0,143**	0,007
	Quadrático	0,119	0,037	0,166*	0,097	0,009

\*Modelo significativo ao nível de 5%.

\*\*Modelo significativo ao nível de 1%.

Pode-se observar que melhor resposta dos casos de todos os tipos de violência em função da densidade demográfica no município, dentro do extrato populacional 2, foi linear, em que quanto maior a densidade demográfica maior foram os casos de todos os tipos de violência (Figura 5).



**Figura 5:** Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função da densidade demográfica - Dd no extrato populacional 2.

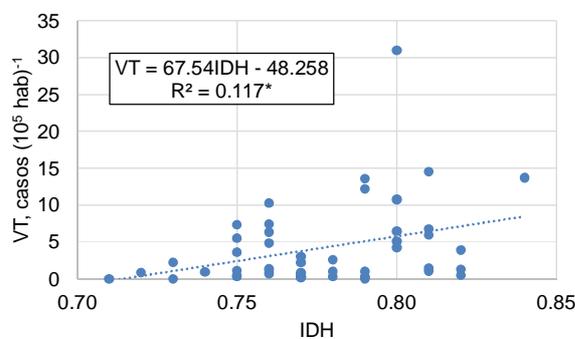
A violência apresenta-se de forma mais intensa nas áreas metropolitanas, atingindo as populações com piores condições de vida e jovens da periferia dos grandes centros, que segundo Minayo e Souza [7:15], “a violência urbana tem um percentual de 84% registrada no Brasil, principalmente nos grandes centros”.

Beato et al. [19] relata que “a taxa de criminalidade está distribuída heterogeneamente entre os diversos municípios e regiões do estado de São Paulo”, ou seja, ela ocorre em qualquer extrato populacional, variando em maior ou menor grau. O que para Villaça [20] não deixa de ser uma segregação espacial de classes sociais, isto é, as cidades são formadas por áreas distintas, centro e periferias, o que define o perfil da população, as questões urbanísticas, de infraestrutura, de conservação dos espaços e equipamentos públicos e também, de investimentos.

Estes resultados evidenciam que, para centros urbanos com população entre 20.000 e 50.000 habitantes, os casos de todos os tipos de violência aumentam na taxa de 1 caso  $(10^5 \text{ hab})^{-1}$  para cada  $15 \text{ hab km}^{-2}$  de aumento na densidade demográfica.

De acordo com Lima e Paula [21] onde vai evidenciar isso, os quais demonstram que quanto maior a segregação deste espaço chamado cidade, maiores serão os conflitos nas relações sociais e culturais. O aumento da violência urbana, para os referidos autores, se deve aos aspectos econômicos, relacionados ao acesso às oportunidades de ação social, à saúde, à educação e aos fatores relacionados com os benefícios do desenvolvimento.

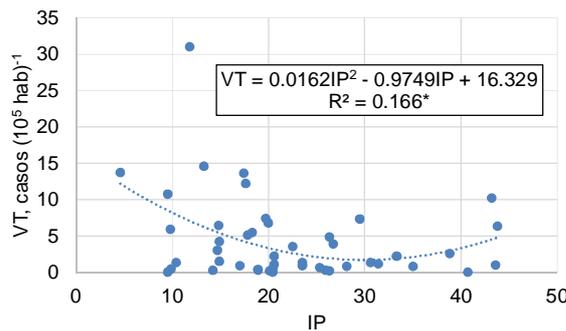
Na média geral dos municípios, os casos de todos os tipos de violência apresentaram resposta linear em função do IDH, observando-se um crescimento do número de casos com o aumento do IDH, conforme observado na Figura 6.



**Figura 6:** Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função do índice de desenvolvimento humano - IDH no geral dos municípios.

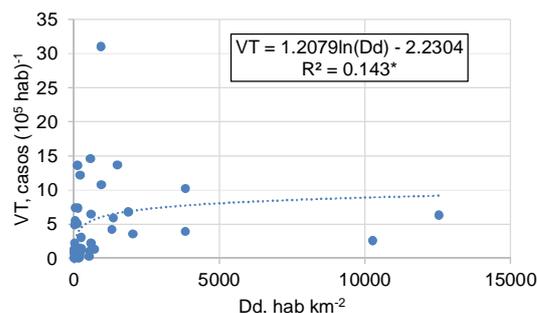
Para o IDH, de acordo com o modelo obtido, os casos de todos os tipos de violência tendem a aumentar a uma taxa de 1 caso  $(10^5 \text{hab})^{-1}$  para cada 2,3% de incremento no IDH. Para Lima e Paula [21] outro fator que influencia o aumento da violência urbana é a taxa crescente de desemprego, o que a vincula ao IDH, PIB e IP, pois quanto mais a renda cai, maior a criminalidade.

Com o IP, no geral dos municípios, os casos de todos os tipos de violência apresentaram resposta quadrática (Figura 7), onde se observa um crescimento nos casos de violência a partir de 30% de pobreza. Isto se explica em virtude da diminuição de renda, das condições de moradia, da falta de oportunidades ou de ações sociais que deveriam ser implantadas em benefício da população periférica, fato este comprovado por Sposati [22], o índice de violência e criminalidade aumenta juntamente com a distância do núcleo da cidade, sendo os distritos localizados na periferia mais propensos a todo tipo de violência que àqueles localizados na faixa central, que geralmente é mais controlado, vigiado.



**Figura 7:** Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função do índice de pobreza - IP no geral dos municípios.

Também no geral dos municípios, os casos de todos os tipos de violência apresentaram resposta logarítmica em função da Dd, observando-se um incremento nos casos com o aumento da densidade demográfica (Figura 8).



**Figura 8:** Resposta dos casos de todos os tipos de violência – VT em função densidade demográfica - Dd no geral dos municípios.

Os casos de violência psicológica e moral (VPM) apresentaram resposta significativa com o PIB per capita no extrato populacional 1 e com a Dd e Ddau no extrato populacional 4 (Tabela 4).

**Tabela 4:** Correlação cruzada entre os casos de violência psicológica e moral e as variáveis socioambientais.

Extrato	Modelo	Valores de $r^2$				
		IDH	PIB	IP	Dd	Ddau
1	Linear	0,020	0,244	0,024	0,056	0,086
	Logarítmico	0,020	0,115	0,042	0,028	0,077
	Quadrático	0,041	0,720*	0,110	0,066	0,109
2	Linear	0,074	0,001	0,159	0,177	0,001
	Logarítmico	0,075	0,000	0,193	0,194	0,010
	Quadrático	0,083	0,023	0,355	0,250	0,199
3	Linear	0,052	0,422	0,001	0,304	0,172
	Logarítmico	0,051	0,427	0,001	0,205	0,162
	Quadrático	0,053	0,456	0,002	0,401	0,172
4	Linear	0,023	0,073	0,048	0,432*	0,410*
	Logarítmico	0,023	0,070	0,016	0,438*	0,353
	Quadrático	0,041	0,084	0,175	0,439	0,417
5	Linear	0,000	0,097	0,127	0,083	0,130
	Logarítmico	0,000	0,100	0,160	0,139	0,242
	Quadrático	0,145	0,104	0,210	0,168	0,340
Geral	Linear	0,031	0,000	0,028	0,012	0,001
	Logarítmico	0,032	0,002	0,036	0,058	0,000
	Quadrático	0,038	0,007	0,065	0,016	0,015

\*Modelo significativa ao nível de 5%.

\*\*Modelo significativo ao nível de 1%.

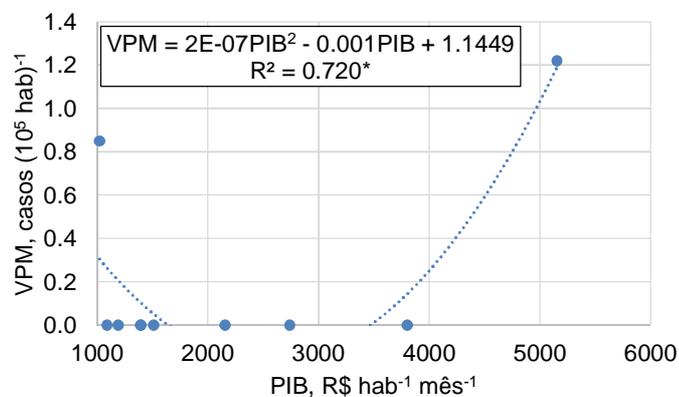
No extrato populacional 1 (Figura 9), a resposta dos casos de violência psicológica e moral em função do PIB per capita foi quadrática, demonstrando que os casos desse tipo de violência crescem significativamente a partir de municípios que possuem um produto interno bruto per capita a partir de R\$3.500,00/hab.mês<sup>1</sup>. Em estudos de Paz [23], há relatos de que a violência psicológica ocorre em 26,7% dos casos pesquisados, tendo o parceiro jovem como agressor, com menos de cinco anos de estudo e que consumia álcool e outras drogas, e no trabalho está correlacionado com os índices de densidade demográfica e índice de pobreza.

Souza [15] relata que a escolaridade do agressor e/ou perpetrador da violência é um indicador que coopera para o estudo da relação escolaridade/violência. O referido autor relata que 100% dos homens possuem algum nível de escolaridade, entretanto, o percentual maior é de 33% dos homens

com ensino fundamental completo, seguido pelos 20% de ensino médio incompleto, razão pela qual se configura no fator de aculturação, se comparados aos níveis de escolaridade de ensino superior.

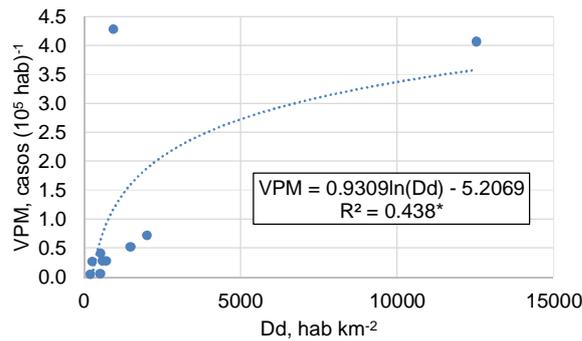
Quanto ao que se refere à idade do agressor, Souza [15] aponta que o maior percentual da violência contra a mulher é de homens na faixa etária de 30-40 anos, um período de maior produtividade na esfera do trabalho, que, de acordo com Alves [24] “neste período eles se sentem incorporados de poder e passam a exercer maior proporção à violência”; isto é, ao estarem empregados e ganhando o suficiente pra sustentar a família, se sentem dominadores, cheios de razão e são mais agressivos com as mulheres.

Ao analisar os dados sobre violência psicológica e moral, principalmente no que se refere à causalidade e consequências, aos dados da violência psicológica, ficou claro que estas derivam de conflitos familiares, ocorrem geralmente com o gênero feminino, crianças e jovens, conforme relata Lippi [25]. Para o referido autor, as consequências deste tipo de violência ainda desenvolvem diferentes psicopatologias que, se não diagnosticadas e tratadas de maneira adequada, tendem a criar novos padrões comportamentais mais violentos.

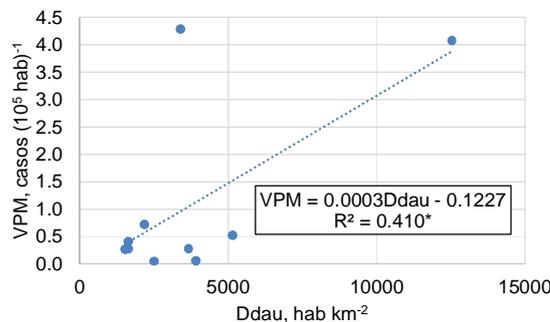


**Figura 9:** Resposta dos casos de violência psicológica e moral - VPM em função do produto interno bruto per capita - PIB no extrato populacional 1.

No extrato populacional 4, a resposta dos casos de violência psicológica e moral apresentaram resposta logarítmica com a densidade demográfica (Figura 10) e linear com a densidade demográfica na área urbana (Figura 11).



**Figura 10:** Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função da densidade demográfica - Dd no extrato populacional 4.



**Figura 11:** Resposta dos casos de todos os tipos de violência - VT em função da densidade demográfica na área urbana - Ddau no extrato populacional 4.

Para a densidade demográfica, observou-se tendência de aumento dos casos de todos os tipos de violência, com o aumento da densidade demográfica. Dentro da amplitude do intervalo de confiança, os casos ajustados de todos os tipos de violência esperados variam de 4,0 a 5,6 casos  $(10^5 \text{hab})^{-1}$ .

Souza [15] demonstra que o percentual de maior expressão das causas de violência totais é de 37%, que diz respeito à ingestão de álcool pelo agressor na ocasião da perpetração do ato violento, considerado droga lícita. Em seguida, com um percentual de 40% tem-se a resposta afirmativa do não uso de drogas e 27% das mulheres pesquisadas afirmaram que o companheiro/cônjuge faz uso de drogas ilícitas, com destaque para a maconha, cocaína e 76% crack. A pesquisa de Souza [15] ainda revela que, em sua maioria, as situações de violência independem do uso/dependência de drogas, contudo indica que em 63% das situações de violência as drogas lícitas ou ilícitas estavam presentes.

Para a referida autora, o uso de drogas pelo agressor e/ou perpetrador da violência tem relevância porque pode exercer influência no comportamento do usuário e também serve para minimizar a responsabilização quando a violência

contra a mulher é perpetrada sob seu efeito. Conforme Alves [24], a naturalização com que a violência contra as mulheres foi tratada historicamente serviu para justificar como “doença” as agressões perpetradas por homens, sob influência principalmente de álcool, mas também de todas as demais drogas lícitas ou ilícitas.

Silva [26], conclui que a violência ocorra independentemente das condições sócio demográficas, é no espaço doméstico onde há maior incidência do fenômeno, mas que este fator está associado a doenças mentais, comportamentais, entre outros.

## 6. CONCLUSÕES

De acordo com os resultados observou-se que as variáveis socioambientais índice de desenvolvimento humano (IDH), a densidade demográfica (Dd), a densidade demográfica na área urbana (Ddau) e todos os tipos de violência tendem a crescer com o aumento da população municipal. Já o PIB (Produto Interno Bruto) per capita tendeu a decrescer até o extrato populacional de 50.001 a 100.000 habitantes, a partir do qual, aumentou significativamente até o extrato populacional acima de 500.000 habitantes.

As variáveis socioambientais: índice de desenvolvimento humano (IDH), índice de pobreza (IP) e densidade demográfica (Dd) interferiam significativamente em todos os casos de violência, sendo que, de maneira geral, o aumento dessas variáveis promove incremento em todos os tipos de violência.

Já nos casos de violência psicológica e moral (VPM), somente foram observadas interferências significativas dessas variáveis, para os extratos populacionais de até 20.000 habitantes (para a variável PIB (Produto Interno Bruto) per capita) e para o de 100.001 a 500.000 habitantes para as variáveis Dd (densidade demográfica) e Ddau (densidade demográfica na área urbana). Nos dois extratos populacionais, os casos de violência psicológica e moral tenderam a aumentar com o incremento das variáveis socioambientais tais como densidade demográfica e índice de pobreza.

Como algumas das variáveis socioambientais avaliadas apresentaram influência sobre os casos de violência, recomendam-se mais estudos para identificar como estas variáveis podem ser utilizadas no diagnóstico e planejamento urbano através de políticas públicas visando a minimização dos casos de violência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01- PINHEIRO, P. S. **Violência urbana**. São Paulo: Publifolha, 2003.
- 02- CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 03- FALEIROS, V. de P. **Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores**. Brasília: Editora Universa, 2007. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 04- TORRES, M. C. **O idoso como vítima de violência psicológica**. Dissertação de Mestrado ao UNICEUB- Centro Universitário de Brasília. Curso de Psicologia. Brasília, 2010. **(NÃO ESTÁ DE ACORDO COM AS NORMAS)**
- 05- Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Genebra, 2002. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 06- FREITAS, E. V. de et. al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 07- MINAYO, M. C. de S. Seis características das mortes violentas no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da População**. Rio de Janeiro, v.26, n. 1, p. 135-140, 2009.
- 08- AGENDE – **SE ISSO FOR UMA SIGLA, FALTA O SIGNIFICADO QUE DEVE SER COLOCADO AQUI**. Ações em gênero, cidadania e desenvolvimento. **10 anos de adoção da Convenção Onteramericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher – Convenção de Belém do Pará**. Brasília: AGENDE, 2004. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 09- SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**

- 10- OLIVEIRA, E. M. **A mulher, a sexualidade e o trabalho**. São Paulo: Hucitec/CUT, 2011. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 11- SOARES, L. Q. **Assédio moral no trabalho e interações socioprofissionais: ou você interage do jeito deles ou vai ser humilhado até não aguentar mais**. Unpublished máster thesis. Mestrado em Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2003. **(NÃO ESTÁ DE ACORDO COM AS NORMAS)**
- 12- DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 13- SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades do estado de São Paulo**. In: [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out\\_06.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out_06.pdf). Acesso em: 23.10.2015. **(FALTA A CIDADE E INSTITUIÇÃO DE PUBLICAÇÃO, ALÉM DO NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 14- PEDRAZZINI, I. **A violência nas cidades**. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Vozes, 2006. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 15- SOUZA, M. L. de. **Fobópole: o medo generalizado e a questão da militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. **(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**
- 16- CHAGAS, C. A. N. et. al. **A produção do espaço e a formação de zonas de violência: a utilização de ferramentas de geotecnologias no uso de estratégias de prevenção e combate à criminalidade no município de Marituba, Pará**. Belo Horizonte: **ANAIS do XVII Encontro Nacional de Geógrafos Brasileiros**, UFMG, 2012. **(FALTA COLOCAR OS SOBRENOMES DE TODOS OS AUTORES)**
- 17- CORRÊA, S. **A perspectiva de desenvolvimento, o ciclo social de Conferências das Nações Unidas e a iniciativa do Observatório da Cidadania**. Proposta: **Revista FASE**, n.73, ano 26, 1997. **(FALTA COLOCAR O VOLUME E O NÚMERO DE PÁGINAS)**

18- IBGE-**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS**. PIB e IDH dos municípios brasileiros. Disponível em: [www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br). Acesso em:

02jan2010.**(FALTA A CIDADE E INSTITUIÇÃO DE PUBLICAÇÃO, ALÉM DO NÚMERO DE PÁGINAS)**

19- BEATO, C. et al. **Criminalidade violenta em Minas Gerais 1986-1997**. Artigo apresentado na XXII reunião ANPOCS, Caxambu- Mimeo1998.**(ISSO AQUI ESTÁ ESQUISITO, SENDO NECESSÁRIO COLOCAR NAS NORMAS. TAMBÉM FALTA OS NOMES DOS DEMAIS AUTORES)**

20- VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.**(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**

21- LIMA, R. S. de; PAULA, L. de. (Org.). **Segurança Pública e Violência**. São Paulo: Contexto, 2006.**(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**

22- SPOSATI, A. **Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo: dinâmica social dos anos 90**. São Paulo: Pólis, INPE, PUC/SP, 2000.**(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**

23- SILVA, L. R. Na mira da mídia: reflexões sobre as relações entre a mídia, crime e identidade. In: SALES, A. M., RUIZ, J. F. S. (Orgs.). **Mídia, questão social e serviço social**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.**(FALTA O NÚMERO DE PÁGINAS)**

24- PAZ, A. M. **Violência por parceiro íntimo durante a gravidez: um estudo de prevalência do distrito sanitário II da cidade do Recife**. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE, 2006.**(ESTÁ FORA DAS NORMAS)**

25- ALVES, M. B. **Políticas Públicas de enfrentamento à violência de gênero: uma análise do perfil das mulheres em situação de violência doméstica e familiar em Cabo Frio**. Dissertação de Mestrado, ESS/UFF, Niterói, 2011.**(ESTÁ FORA DAS NORMAS)**

26- LIPPI, J. R. S. **Tentativa de suicídio associada à violência física, psicológica e sexual contra crianças e adolescentes.** Teses de doutorado em Saúde da Mulher e da Criança. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Fernandes Figueira. Rio de Janeiro, 2003. **(ESTÁ FORA DAS NORMAS)**